# o desejo do analista e o objeto *a*

Ângela Diniz Costa

O desejo do analista, como aquele que faz emergir a psicanálise, está referido a Freud em primeiro lugar. Ali onde a histérica vinha oferecer seu sintoma ao saber do Outro, o ato de Freud foi fazer falar o sintoma, apontando-nos que o sintoma é o enlace do sujeito com sua questão, e que é no movimento mesmo de falar que se constitui o desejo. É por esta porta que Freud pôde estabelecer a relação do desejo com a linguagem, descobrindo, assim, os mecanismos do inconsciente.

Mas é preciso assinalar que, para a constituição desses princípios da psicanálise, foi fundamental a posição que Freud soube ocupar frente ao Sujeito histérico, colocando-se no avesso da posição do mestre. Daí que, para Lacan, se há algo de verdadeiro na emergência da psicanálise é o desejo de Freud, do qual ainda depende o campo freudiano da prática analítica.

Cada analista, no curso de sua análise, confronta-se com essa função encarnada por Freud na origem da psicanálise. Face ao desejo de Freud — que se apresenta para cada um como uma verdadeira incógnita — depura-se, no particular da experiência, o desejo do analista como enunciação, passando a operar no trabalho clínico do analisante que se tornou analista.

Assim, o desejo do analista só poderá advir da experiência, o que leva Lacan a não confundir o desejo do analista com o desejo de Freud, apontando-nos que a formação deste coloca a questão sobre seu desejo. A análise didática serve para levar o analisante a esse ponto, designado em sua álgebra como desejo do analista.

Lacan aponta que o analista, ao ocupar o lugar de causa, como semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que constitui a razão ética da psicanálise: tratar a questão da causa, pois o sujeito há de manifestar-se em sua hiância, isto é, no que causa seu desejo.

Para avançarmos sobre o lugar do analista como lugar de causa, faz-se necessário o estabelecimento do estatuto do objeto *a* como causa de desejo.

É interessante notar que, no percurso do ensino de Lacan, o estatuto do objeto *a* como causa é antecedido pelo texto "Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente

freudiano",[1] no qual Lacan inscreve a experiência analítica no grafo do desejo.[2]

À pergunta lançada pelo desejo do Outro, o grafo escreve que o Eu e a fantasia são maneiras encontradas pelo sujeito para resgatar seu *fading* — sua falta constitutiva. O primeiro caminho encontrado pelo sujeito para resgatar seu *fading* é o Eu. Essa imagem permite ao sujeito estabelecer isso que ele é,

> vestindo o objeto que faz sua miséria, com a vestimenta que convém ao Eu, segundo seu narcisismo. Isto porque este objeto *a* causa de desejo, por estar à mercê do Outro, angustia, e na ocasião em que se apresenta, ele é revestido com a anatomia do Eu.[3]

A fantasia também resgata o sujeito da falta, falta que é desejo, "invertendo o valor do objeto, fazendo do objeto condição, quando na verdade o objeto é causa".[4] No seminário sobre a angústia, Lacan diz que

> o objeto *a*, suporte do desejo na fantasia, não é visível no que constitui para o homem, a imagem de seu desejo... Quanto mais o homem se aproxima do que ele acredita ser seu objeto, mais ele está desviado de seu objeto do desejo, mais ele acaba por dar corpo ao que no objeto desse desejo representa a imagem especular.[5]

A seguir, nessa mesma lição, Lacan vai dizer que o "que constitui a angústia é o objeto *a* não aparecer por algum mecanismo em seu lugar 'natural', e estar no lugar 'natural' é estar no lugar de causa de desejo".[6] Tomar o objeto *a* como causa de desejo ocorre em função de que o efeito primordial da causa é o desejo — "a causa se funda no fato de que, sob sua forma primeira, ela é causa de desejo, ou seja, de algo essencialmente não efetuado. A causa, assim, se constitui supondo efeitos, pelo fato de que primordialmente o efeito aí faz falta".[7] Sobre este não-efetuado do desejo aloja-se a dimensão fálica do objeto. A função do falo como imaginário (-φ) estabelece uma certa relação do sujeito com o objeto *a*.

O falo negativizado permite a superposição de objetos que adquirem um certo valor na dialética da relação do sujeito com o Outro. O sujeito tenta barganhar a partir daquilo que, na demanda desse Outro, ele capta como desejo. É bem sobre este ponto que se reafirma o equívoco do sujeito em considerar que um objeto satisfaria a função da causa do desejo.

[1] Lacan. *Escritos*, p.807.

[2] Cf. Lacan. *Escritos*, p.807-42.

[3] Lacan. *Discurso à Escola Freudiana de Paris*, p.27.

[4] Lacan. *Escritos*, p.830.

[5] Lacan. *O seminário: livro 10* – a angústia. Lição de 28.11.1962.

[6] Lacan. *O seminário: livro 10* – a angústia. Lição de 28.11.1962.

[7] Lacan. *O seminário: livro 10* – a angústia. Lição de 12.06.1963.

Assim, tal como escrito no grafo do desejo, tanto o Eu como a fantasia constituem respostas engendradas pelo sujeito para ignorar este fato de estrutura — na constituição do sujeito no campo do Outro, há este resto: objeto *a*, causa de desejo.

No *Seminário 10*, ao ser estabelecido o estatuto da causa e a formalização do objeto *a* como causa, Lacan afirma que o objeto *a* não está na intencionalidade do desejo: "este objeto deve ser concebido como causa de desejo. Metaforicamente, o objeto está atrás do desejo. Este objeto *a* que surge na função de causa é perfeitamente sensível nas formulações de Freud naquilo que concerne à pulsão".[8] Assim, retroativamente, podemos redimensionar a resposta escrita no grafo do desejo ao "*che vuoi?*" em termos da pulsão.

[8] LACAN. *O seminário: livro 10 – a angústia*. Lição de 12.06.1963.

Freud, em "As pulsões e suas vicissitudes",[9] apresenta-nos a gramática pulsional como condição da montagem pulsional, a partir da relação com o Outro da linguagem. É a partir dos significantes proferidos pelo Outro que a pulsão fixa-se no inconsciente, contornando incessantemente o que é apenas presença de um vazio ocupável por não importa qual objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de um objeto perdido.

[9] In: FREUD. *Obras completas*, v.XIV.

A pulsão é a montagem pela qual a sexualidade presentifica-se na vida psíquica de uma maneira consoante à estrutura de hiância (que aqui refere-se às hiâncias do significante), onde se localiza o inconsciente. Diz Lacan:

> Tudo que Freud soletra das pulsões nos mostra o movimento circular do impulso que sai através da borda erógena, para a ela retornar como sendo seu alvo, depois de ter feito o contorno de algo que chamo o objeto *a*. É por aí que o sujeito tem que atingir, o que é propriamente falando, a dimensão do Outro.[10]

[10] LACAN. *O seminário: livro 11*, p.183.

Então, o que é do sexual passa pelo significante, e na subordinação à linguagem delimita-se a borda erógena como efeito de corte, que prevalece também no objeto separado do corpo e perdido da satisfação. A pulsão resulta no traçado que articula a estrutura de hiância do corpo à hiância do inconsciente estruturado como linguagem. Podemos dizer, então, que a pulsão aloja-se nessa superposição das hiâncias da rede dos significantes e das hiâncias do aparelho do corpo — ou seja, a pulsão representa hiâncias em outras hiâncias.

Para avançar, buscamos uma outra referência de Lacan na qual ele diz que o objeto da pulsão situa-se no plano que metaforicamente foi chamado de "subjetivação acéfala"[11] — um traçado que representa uma face topológica do sujeito.

[11] LACAN. *O seminário: livro 11*, p.?.

A outra face topológica do sujeito resulta de suas relações com um significante — um sujeito esburacado, dividido pelo significante. Assim, Lacan aponta duas dimensões, duas facetas topológicas do sujeito:

1. uma dimensão na qual ele chama o sujeito diretamente de objeto;
2. na outra, o sujeito é dividido pelo significante. É o objeto que dá suporte, na sua função de perda, ao traçado de borda da pulsão.

O analista sustenta um percurso analítico, deste lugar de perda, a partir do qual se efetuam a torção e a dupla volta da pulsão:

- A localização do sujeito na estrutura é extraída desta torção. O sujeito, na pulsão, encontra-se no retorno. O sujeito vem substituir (*ersatz*) a perda do objeto que a pulsão contorna partindo do corpo, da zona erógena, e endereçando-se ao Outro. No retorno, o sujeito determina-se como dividido.
- A gramática da pulsão relaciona-se à estrutura da linguagem a que a gramática deve reportar-se. Assim, as vozes do verbo (ativa, passiva, reflexiva) situam o sujeito em relação ao objeto que o faz gozar. Da mesma forma, o gozo só pode ser localizado quando, entre o segundo e o terceiro tempo, um sujeito faz-se objeto do gozo alheio, quer dizer, padece em posição masoquista.

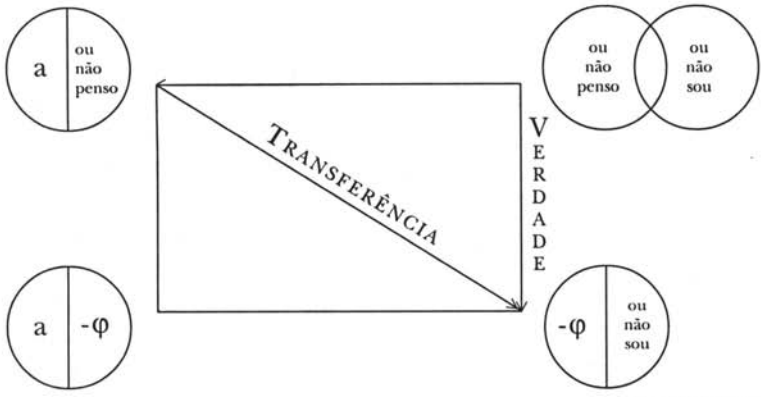
Então, as formas gramaticais "fazer-se", "ver", "comer", "cagar", por exemplo, escrevem um tempo além da reversão ativo e passivo. Estas formas gramaticais dizem da implicação do sujeito quando a economia de seu gozo está em questão. A implicação do sujeito no gozo pulsional é a torção própria à experiência analítica.

Retomo o grafo do desejo que acaba por inscrever a pulsão como resposta ao *che vuoi*. O grafo inscreve que o final da experiência analítica realiza-se pela via do significante da falta no Outro — $S(\not A)$ —, reenviando a pulsão ao que inscreve o final de análise na castração do Outro, com retorno à sua incompletude.

É nesse buraco, nesse ponto de falta, no que resta atravessado na garganta do significante, que o sujeito tem que se reconhecer para advir sujeito desejante. O desejo é o contorno entre duas faltas e gravita no campo pulsional, sendo o objeto *a* causa de desejo, em torno do qual gira a pulsão.

Assim, como situar o ponto de passagem do desejo constituído nesse ponto de falta para o desejo do analista?

O tetraedro utilizado por Lacan no seminário sobre o ato psicanalítico fornece-nos os fundamentos para operar essa distinção, à medida que nele é logicizado o trajeto de uma análise. Nele, o final de análise é marcado com a separação de *a* e -φ, torção que indicaria a passagem do analisante, em final de análise, ao lugar do analista.




No tetraedro, Lacan evoca as operações alienação, verdade e transferência como "indicações vetoriais",[12] pois, para cada operação, não há retorno sobre si mesma.

[12] LACAN. *O seminário: livro 15*. Lição de 10.01.1967.

Frente à alternativa que lhe oferece o campo do Outro no vértice de partida das três operações — "ou não penso, ou não sou" —, o "ou" aponta a causa da constituição do sujeito.

"Não penso isso" trata-se do sujeito acéfalo da pulsão e do estatuto do sujeito como falta, havendo uma escolha forçada. É como "não penso" que o sujeito aliena-se no significante do Outro, aquilo que no discurso como estrutura lógica é *pas je*, resto da estrutura gramatical, suporte do que está na pulsão. O *não* introduzido na eleição forçada da alienação, posta para todo sujeito, não afeta o ser nem o pensar em si, mas o *eu* (*Je*).

O lugar do "não penso", na lógica da fantasia, é marcado como aquele onde esta forma de sujeito aparece como um estilhaço do campo reservado para ele. Na articulação gramatical da fantasia, não se trata de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa; algo que se mostra na pulsão está expresso na frase "bate-se numa criança". Só se mostra, não se conta, não se explica.

Em "Bate-se numa criança", Freud vai colocar que a segunda fase da fantasia — "estou sendo espancado pelo meu pai" — é a mais importante e a mais significativa. Porém, jamais teve existência real, nunca foi lembrada nem tornou-se

consciente. É uma construção em análise, mas nem por isso deixa de constituir uma necessidade lógica. O que aí se enuncia é a fantasia como suporte mesmo daquilo de que se trata na pulsão: não se comenta, mostra-se. Não há outro modo de fazer funcionar o *eu* como "ser" em sua relação com o mundo a não ser passando por esta estrutura gramatical que é a essência do "isso" como "*não eu (Je)*".

Ali onde estava o *eu (Je)*, pela construção da fantasia, deve advir a causa, apontando que a verdade "é que a falta (alto à esquerda do tetraedro) é a perda (embaixo à direita do tetraedro) e essa perda é causa de outra coisa. Este atravessamento comporta um efeito de perda que é a separação do objeto *a*."[13]

[13] LACAN. *O seminário: livro 15*. Lição de 10.01.1967.

Há, ainda, um tempo que produz a disjunção entre o -j, hiância do campo do Outro, e o objeto *a* caído deste campo. Tempo que possibilita o final de análise como des-ser, em que o sujeito terá feito a opção do desejo quando este já não encontra suporte na fantasia — Lacan aponta no *Seminário XI* que a experiência da fantasia torna-se pulsão. Assim, trata-se, num percurso de análise, que a "experiência do sujeito seja reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão".[14]

[14] LACAN. *O seminário: livro 11*, p.259.

A operação verdade que se realiza sob transferência na experiência analítica é que "o sujeito depende desta causa que o faz dividido e que chama objeto *a*", assim apontando-nos o sujeito não como causa de si, mas como "conseqüência da perda". A experiência coloca o sujeito na conseqüência dessa perda que constitui o objeto *a*, para saber o que lhe falta. "O analista é aquele que vem, ao final da análise, suportar ser este resto da coisa sabida".[15]

[15] LACAN. *O seminário: livro 11*, p.259.

Na experiência analítica, trata-se de realizar esse circuito que vai da falta à perda. Aqui, o objeto passa a ser objeto da perda inicial, sobre o que Freud insiste durante o nascimento da teoria do inconsciente. Está aí o objeto perdido, causa de desejo.

Estabelecer o lugar do analista como objeto indica que é sua função ser instrumento dessa causa de desejo, o que aponta para um dos nomes do "desejo do analista".

Para sustentar a função do analista como causa de desejo, faz-se necessário um sujeito que tenha ele mesmo passado pela prova da transferência. Condição fundamental, mas não suficiente, pois Lacan postula que ocupar o lugar de analista requer um sujeito transformado, a quem tenha advindo um desejo inédito. Na "Nota italiana", refere-se ao desejo de saber que se distingue tanto do da ciência, "que da verdade como causa, não quer saber nada",[16] quanto do da civilização, à medida que esta não deseja o saber.

[16] LACAN. *Escritos*, p.889.

Ainda na "Nota italiana", é colocado que, para o analista, a análise está para além do terapêutico, "saber ser um rebotalho" é ao menos o que a análise deve tê-lo feito sentir. Se isso não o levou ao entusiasmo, pode ter havido análise, mas nenhuma chance de haver analista.[17] O que é "determinante é o que o sujeito faz com o que sabe ao final, e particularmente com o que sabe ser, e o que faz com o que sabe não está prescrito pelo saber, senão por seu desejo".[18]

[17] LACAN. Nota italiana, p.6.

[18] SOLER. *Qué psicoanális*, p.127.



## referencias bibliográficas


LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e a dialética do desejo freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Discurso à Escola Freudiana de Paris. *Revista Letra Freudiana*, n.0, Rio de Janeiro, Letra Freudiana, [s.d.]. p.26-45.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 10* – a angústia. (Inédito).

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 11* – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. J. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 15* – o ato psicanalítico. (Inédito).

LACAN, Jacques. Nota italiana. *Opção Lacaniana*; Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n.11. São Paulo, novembro, 1994. p.5-7.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1965-1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.14. p.129-62.

SOLER, Colette. *Qué psicoanális?* Buenos Aires, 1988. (Seminários editados pela Escola de Orientação Lacaniana).

## resumo

O conceito *desejo do analista*, cunhado por Jacques Lacan, considera fundamentalmente a experiência analítica bem como sua elaboração sobre o estatuto do objeto *a* como causa de desejo. A partir dessas premissas, depreende-se que o estabelecimento do lugar do analista, como objeto, indica que sua função é ser instrumento dessa causa de desejo, apontando para um dos nomes do desejo do analista. Para sustentar essa função do analista — situada no lugar da causa do desejo —, tem-se a experiência analítica como condição fundamental, mas não suficiente, pois Lacan postula que, para ocupar o lugar de analista, ainda é requerido um sujeito transformado, a quem tenha advindo um "desejo inédito".



## abstract

The concept "the analyst's desire", stamped by Jacques Lacan, fundamentally considers both the analytic experience and the elaboration on the status of the object as the cause of the desire. Based on these premises it is inferred that the establishment of the place of the analyst, as the object, indicates that his function is to be the instrument of this cause of desire, pointing to one of the names of the analyst's desire. To support this function of the analyst — placed as the cause of desire — we have the analytic experience as the fundamental yet not sufficient condition, since Lacan postulates that to occupy the place of the analyst a transformed subject is still required, one from whom an original desire supervenes.